



Palavra de Vida

«A minha
alma
glorifica o
Senhor»

(Lc 1,46)

No primeiro capítulo do seu Evangelho, Lucas oferece-nos a única página do Novo Testamento em que as protagonistas são duas mulheres: Maria e Isabel.

Isabel vivia numa aldeia próxima de Jerusalém, a cerca de 150 km de Nazaré. E Maria, logo após receber o anúncio do anjo de que seria a mãe de Jesus (Lc 1,26-38), enfrenta essa longa viagem para a visitar. Não conhecemos os pormenores do percurso. Sabemos apenas que se dirigiu apressadamente para a montanha. Mas por que razão ia até lá?

Maria foi partilhar a sua alegria com alguém que, como ela, ti-

Agosto 2026

nhá recebido de Deus a graça de esperar um filho, e também para estar ao seu lado e ajudá-la durante os últimos meses da gravidez. É a história de duas mulheres, de duas maternidades impossíveis. Quem melhor do que Isabel poderia compreendê-la e partilhar esta experiência? Deste encontro brota o cântico do *Magnificat*.

«A minha alma glorifica o Senhor»

«As suas palavras são a expressão de um grande amor e de uma alegria intensíssima. Explicam por que razão a sua alma e a sua vida se elevam no espírito. Maria não diz: “Eu glorifico Deus”, mas sim “a minha alma...”. Era como se quisesse dizer: toda a minha vida e todos os meus sentidos são arrebatados pelo amor de Deus [...]»¹, escreve Martinho Lutero no seu comentário ao *Magnificat*.

O verbo «glorificar», engrandecer, magnificar revela um sentimento de alegria, despertado pela descoberta de que Deus é maior do que imaginávamos. A esta alegria junta-se uma profunda humildade e um sentido profundo de gratidão e reconhecimento.

Como sublinha Ermes Ronchi, «o *Magnificat* é o evangelho de Maria, a sua boa notícia

1 Martinho Lutero, *Comentário ao Magnificat*, 1520.

que alcança todas as gerações»². Dez vezes a jovem de Nazaré refere ações que têm Deus como sujeito, como uma espécie de novo decálogo, de dez novos mandamentos que invertem as lógicas do mundo.

Surge espontaneamente a pergunta: será que nós conservámos o sentido de admiração e maravilha, na nossa vida quotidiana e na nossa oração, diante daquilo que Deus realizou e continua a realizar? Sem abertura à novidade e às suas surpresas, sem capacidade de nos maravilharmos, a fé torna-se uma oração cansada, que gradualmente se apaga e se transforma num hábito social³.

«A minha alma glorifica o Senhor»

O cântico de Maria não é simplesmente uma oração intimista de louvor, mas um louvor profético, caracterizado por uma constante referência às passagens da Escritura⁴, que aponta a direção da História segundo o coração de Deus. Louvá-Lo significa tomar o partido dos pequenos, acreditar que o mundo pode e deve mudar.

As palavras deste hino convidam-nos a compreender a ação salvadora de Deus na nossa história pessoal e comunitária, da própria vivência pessoal à universal, do momento presente até

2 Ermes Ronchi, *Magnificat, una finestra aperta sul futuro*, Avenire, 12 agosto 2021.

3 Cfr. Papa Francisco, *Angelus*, Praça de São Pedro, Roma, 4 julho de 2021.

4 Cfr. Gérard Rossé, *Il Vangelo di Luca*, Città Nuova, 1992, p.69.

aos novos céus e à nova terra que a revolução social do Evangelho inaugura.

«A minha alma glorifica o Senhor»

Estas palavras convidam-nos também a fazer da nossa vida um louvor vivo, a reconhecer todos os dias as «grandes coisas», a unir a nossa voz à de Maria para proclamar que Deus é fiel, que a sua misericórdia se estende de geração em geração e que o seu reino de justiça e amor já se está a realizar entre nós.

Chiara Lubich tinha compreendido esta dimensão revolucionária do cântico de Maria quando escreveu aos jovens: «Leiam o *Magnificat* e nele encontrarão a primeira e mais poderosa página da doutrina social cristã. Quem, e quando, a realizará plenamente?»⁵.

A pergunta permanece em aberto e interpela-nos. A ação de Deus não deve permanecer confinada à intimidade do coração, mas precisa de se manifestar nos relacionamentos, na vida em comum e no roteiro das gerações vindouras.

Texto preparado por Patrizia Mazzola
e pela equipa da Palavra de Vida

5 Chiara Lubich, *Detti Gen*, Città Nuova, Roma 1974⁴, p.57.